



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MACEDONIA BEZERRA FELIX

A POLÍTICA DA MÃE GENTIL

Juazeiro do Norte
2020

MACEDONIA BEZERRA FELIX

A POLÍTICA DA MÃE GENTIL

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

MACEDONIA BEZERRA FELIX

A POLÍTICA DA MÃE GENTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Dr. Raul Max Lucas da Costa
Orientador

Me. Alex Figueirêdo da Nóbrega
Avaliador

Me. Mardônio Coelho Filho
Avaliador

A POLÍTICA DA MÃE GENTIL

Macedônia Bezerra Felix¹
Raul Max da Lucas Costa²

RESUMO

Este trabalho pesquisa o cenário contemporâneo da política no Brasil. Desde 2016, se intensifica no país uma política que reduz direitos, educação, saúde, enquanto aumenta desigualdades, pobreza e adoecimento. Para discutir esse contexto, nomeia-se essa política “da mãe gentil”, buscando compreender o percurso entre trabalhadores e militares. O objetivo geral é analisar, através da psicanálise, o processo político da saída do Partido dos Trabalhadores da Presidência da República até a eleição do presidente Bolsonaro. Para tanto, usa o método da revisão bibliográfica e estudo teórico para refletir esse enredo. O trabalho aponta que os discursos do mestre e do capitalista são usados para manter uma discursividade de exclusão no país. Sugere que a "pátria amada" funciona com uma lógica do fantasma no social, usada como meio para justificar uma ideologia política com traços neofascistas. Conclui que mudanças nessas circunstâncias dependem da mobilização coletiva para além da academia e na coragem de assumir um lugar a altura desse tempo.

Palavras-chave: Política. Pátria. Discurso do Mestre e Discurso do Capitalista. Fantasma. Psicanálise.

ABSTRACT

This work investigates the contemporary scenario of politics in Brazil. Since 2016, a policy has been intensified in the country that reduces rights, education, health, while increasing inequalities, poverty and illness. To discuss this context, this policy is called “the gentle mother”, seeking to understand the path between workers and the military. The general objective is to analyze, through psychoanalysis, the political process of the departure of the Workers' Party from the Presidency of the Republic until the election of President Bolsonaro. For this, it uses the method of bibliographic review and theoretical study to reflect this plot. The work points out that the discourse of the master and the capitalist are used to maintain a discourse of exclusion in the country. He suggests that the "beloved homeland" works with a logic of the fantasy in the social, used as a means to justify a political ideology with neo-fascist traits. It concludes that changes in these circumstances depend on collective mobilization beyond the academy and on the courage to assume a place at the height that time.

Keywords: Politics. Homeland. Discourse off the Master and Speech off the Capitalist. Fantasy. Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Membro de Grupos de Estudos em Psicanálise O que será que (me) dá?: Freud, Lacan e Arte. Email: macedoniafelix@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Doutorado em Psicologia pela Unifor. Psicanalista membro do Aleph - Escola de Psicanálise. Email: raulmax@leaosampaio.edu.br

O mal-estar insiste (FREUD, 1927/1996). A política faz parte das promessas da civilização do bem comum. No entanto, como muitas vezes na história, essa promessa fracassa, e esse mal-estar retorna mais uma vez. A partir de 2016, o Brasil se deparou com uma substituição drástica. Do Golpe no governo Dilma até a eleição do presidente Bolsonaro, outras formas de fazer política entraram em curso e os personagens foram trocados. Esse cenário apresenta uma mudança na discursividade do país, na qual os trabalhadores são retirados do poder para que os militares assumam. A lógica de uma política militarista se embasa nos discursos do mestre e do capitalista, justificando uma estratégia de exclusão de grupos e empobrecimento da população. Neste sentido, vai se estruturando no Brasil a política da mãe gentil, apresentando uma sociedade que desfaz o laço entre os sujeitos, incluindo a perda como exigência para o futuro e o sacrifício de grupos como um caminho necessário.

Neste viés, algumas circunstâncias contemporâneas justificam esse trabalho. Como lembra Safatle (2015), há uma política da quebra do vínculo em uma insistente desvalorização de determinados grupos que perpassam a história humana. No entanto, atualmente, essa política reassume que possui cor, endereço e classe. Conforme informa Sodré (2019), das aposentadorias concedidas, sete em cada dez eram por idade. Após a reforma da previdência não há mais regra de aposentadoria por idade, isso traz como consequência mais anos de trabalho em um país que ainda envelhece mal, e cada vez, envelhece mais. Em pesquisa do mesmo ano, o IBGE atesta que a informalidade cresceu no país a um número nunca antes atingido de 41,4% de trabalhadores. Recentemente a Organização das Nações Unidas (ONU, 2020), citando a Organização Mundial do Trabalho, alertou que quase metade dos trabalhadores no mundo podem ficar sem fonte de renda formal. Isso significa 1,6 bilhão de pessoas sem renda fixa. O grande problema que sonda os grupos mais vulneráveis é o desprezo do governo atual por políticas públicas de assistência que forneça a garantia aos direitos básicos.

Soma-se a essa esfera, como citado na página da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em 2019, um corte de 30% para universidades e institutos federais, prejudicando pesquisas em andamento, além de inviabilizar pesquisas futuras. Com a pandemia, o sucateamento da pesquisa brasileira ficou a céu aberto, confirmando o que não é prioridade na gestão atual. A flexibilização de direitos trabalhistas e a ausência da representação dos sindicatos, enfraqueceram a possibilidade de negociação dos trabalhadores e diminuíram a garantia de direitos nas relações de trabalho, alargando a precarização. Neste sentido, a contínua perda de direitos trabalhistas, previdenciários e sociais, assim como novos projetos que se apresentam sobre o sigilo de informações e a crescente derrocada da confiança nas instituições, ratificam a discussão de Zizek (1998) quando afirma, que o sintoma social aponta uma fissura

na promessa do bem comum. Desta forma, o quadro atual assinala uma derrocada nos direitos humanos básicos, como moradia, trabalho, educação, saúde, implicando no aumento das desigualdades, pobreza e adoecimento.

O Código de Ética da Psicologia (2005) ratifica que analisar criticamente as realidades políticas baseia uma ação ética, apontando que não existe psicologia apolítica. Essa afirmação assinala a importância de fazer essa discussão na academia, e reforça que a formação em psicologia, deve considerar a sua atuação atenta à cultura, aprofundando a sua implicação em panoramas que expropriam direitos. Neste sentido, convém também destacar que, momentos de uma política baseada em ideologia de exclusão e preconceito servem para a psicologia repensar sua práxis, combatendo fatores que fomentam essas mesmas ações ideológicas na profissão, como chapas para conselhos regionais que atestam a cura gay, ou se denominam psicologia cristã.

Dado esse contexto, esse trabalho propõe questionar como essas mudanças no cenário dos direitos sociais afetam os grupos mais vulneráveis no país? Considerando esse viés, possui por objetivo geral: analisar, através da psicanálise, o processo político da saída do Partido dos Trabalhadores (PT) da Presidência da República até a eleição do presidente Bolsonaro no Partido Socialista Liberal (PSL). Os objetivos específicos são: examinar o percurso histórico dos trabalhadores até os militares na presidência; compreender como os discursos do mestre e do capitalista são usados como ferramenta fundamental para analisar a política atual; e discutir a construção do fantasma em torno da pátria amada como janela para o real, a qual se torna base, para justificar e manter medidas de exclusão, eliminação e perdas de direitos.

Para tanto, vale refletir, quem é a mãe gentil? A travessia que o país expressou em seus slogans de governo mostra não uma mãe, e sim, um deus e pai excludente. Se já houve um “país para todos”, a “pátria amada” da mãe gentil é aquela patriarcal, que não mede o sacrifício de grupos em favor de seu projeto político. Tendo em conta essa conjuntura, o trabalho examina esses vieses em três tópicos. No primeiro, se descreve um percurso histórico que contempla a saída do Partido dos Trabalhadores da presidência até a eleição do presidente Bolsonaro. O momento do golpe de 2016, no impeachment de Dilma, assim como a escolha de Lula no PT como representante dos trabalhadores, é apresentado no trabalho, como uma circunstância essencial para compreender como o ódio ao Partido dos Trabalhadores foi criado. Denota-se também o papel das campanhas via redes sociais, as fakes news, a criação da figura de Bolsonaro como mito salvador, quadros que foram sustentados pela união entre evangelismo e militarismo, ambos financiados por uma elite ultraliberal.

Compreender esse percurso auxilia a aprofundar no segundo tópico, como os discursos do mestre e do capitalista estruturam a lógica de políticas de exclusão fomentadas no governo Bolsonaro. Diferencia-se que no discurso do mestre é possível algum tipo de laço, sendo este marcado também por uma estrutural impossibilidade. Já no do capitalista se nega a impossibilidade e cria-se a ilusão que nada se perde. Soma-se a esse entendimento, a análise das narrativas que o Bolsonarismo criou em torno da pátria, nacionalismo, evangelismo, moralismo, evidenciando que esse projeto de exclusão de grupos é histórico no Brasil. Também se pesquisa como esses discursos criam uma lógica de marginalização, como expresso na campanha do governo Bolsonaro na pandemia “o Brasil não pode parar”. Interessa refletir nesse tópico, os efeitos desses discursos para os grupos mais vulneráveis no país.

No terceiro tópico, será argumentado sobre o fantasma da “pátria amada” teorizando sobre a lógica que embasa um funcionamento na política que exclui grupos e cria sentido de eliminação. O texto nesse ponto, sugere que a “pátria amada”, funciona como um fantasma coletivo servindo a um negacionismo da realidade, tratando que o Bolsonarismo cria uma espécie de realidade paralela, destinada aos “cidadãos de bem”. Nas considerações finais, o texto trata da importância de fazer essa discussão no campo da psicologia, lembrando que pautas políticas de ameaça aos direitos humanos exigem um enfrentamento e posicionamento. Não menos importante, conclui que o discurso do analista contrapõe essas narrativas de dominação sinalizando as possibilidades desse campo.

Esse cenário é abordado através do método da revisão bibliográfica narrativa qualitativa. Para tanto, foram articulados autores fundamentais na bibliografia dos temas propostos, associados às pesquisas no banco de teses da CAPES e artigos da PEPSIC, selecionando publicações entre os anos de 2016 e 2020. Os descritores utilizados foram “política”, “pátria”, “discurso do mestre e capitalista”, “fantasma”, “psicanálise”. Como critério de inclusão foram selecionados os conteúdos dos títulos e resumos que tinham interface com a Psicanálise e Psicologia em português no período proposto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. DO PARTIDO DOS TRABALHADORES AO BOLSONARISMO, UM PERCURSO HISTÓRICO

Keck (1991) lembra que a marca do governo dos trabalhadores se deu na construção de um governo a partir da participação popular. Além desse registro apontar uma divisão

histórica no Brasil em comparação a governos anteriores, esse caminho consolidou a escolha do partido por processos democráticos de liderança e execução de políticas de inclusão e justiça social. Ao mesmo tempo, controversamente, a prática da participação popular encontrou divergências ao longo da história do partido. Registros históricos, documentam embates internos, os quais apontam divisão no próprio partido do que seria a governança do povo pelo povo. Quanto mais o partido crescia, mais difícil se tornava manter a fidelidade às origens operárias. Eleger seus representantes, assim como divergências de quais alianças fazer para governar, fragilizaram a unidade do partido.

Vale evidenciar que Lula representava a ideia do trabalhador com um projeto próprio de fazer política. Diretamente associado ao fazer das greves trabalhistas no país, a história de Lula se confunde com a história dos direitos trabalhistas e do trabalho, assim como a saída dos trabalhadores do andar de baixo. Neste sentido, o líder das greves de São Bernardo do Campo (SP) se tornou o herói que deveria ocupar a liderança do país. Lula, com o passar dos anos dentro do partido e no governo que fez, foi se estabelecendo como uma ideia do que seria possível na política para os trabalhadores. Contudo, as alianças que o partido fez ao longo dos anos foram foco de desentendimentos constantes na formação do partido. Até onde os trabalhadores poderiam ceder para governar nunca foi consenso no partido (KECK, 1991).

O que inicialmente se mostrou como uma disputa entre pares, com o passar dos anos assevera e revela uma celeuma insustentável nas relações entre lideranças partidárias do PT, sindicatos e movimentos sociais. Apesar disso, o tipo de governança do partido, assim como suas decisões, firmava essa participação popular com características singulares. Neste sentido, a relação entre a sociedade civil e o estado tornou-se próxima por diversos meios de diálogos e tomada conjunta de decisão, como os conselhos populares (HOLANDA, 2011). Contudo, destaca Bezerra (2019) que, o impasse desse processo se deu entre uma promessa e uma divergência de como ela se realizou. Havia uma premissa que haveria uma autonomia integral dos movimentos sociais para esse governo comum, porém, o que ocorreu foi a nascente e crescente ação de fiscalização e controles desses processos de criação e tomada de decisões. Desta forma, o Partido dos Trabalhadores cumpriu em parte o que prometeu.

Esse percurso aponta que há uma história do PT enquanto movimento social e uma outra história do partido como grupo eleito e instituição marca partidária. Isso se mostrou no processo de transição da perda de confiança que o partido sofreu nos movimentos gerados dos escândalos do mensalão e da Petrobras, ao mesmo tempo que houve coalizões políticas que divergiam das origens do partido. Portanto, da confiança da eleição do líder que saiu do povo, para um retorno a antigos jargões como “político é tudo igual”, o desgaste do Partido dos

Trabalhadores nos processos de identificação dos trabalhadores com a sua representação, alcançou a esquerda como um todo. Em contrapartida, outro movimento se fazia no país para apagar e desgastar esse percurso dos trabalhadores (BEZERRA, 2014).

Almeida (2019) esclarece que ações nas TV 's abertas, somadas a movimentos nas redes sociais, criaram um outro campo de discussão política e produção de verdade. Os fatos passaram a ser questionados e avaliados a partir de opinião e não por eles mesmos. O combate à corrupção ganhou a interatividade instantânea de grupos de WhatsApp. Fake News e memes substituíram as fontes de informações da imprensa oficial e a verdade se transformou em outra coisa. A questão não era mais se algo aconteceu de fato ou não, a verdade passou a ser a informação compartilhada e recebida das redes. A verdade produzida e compartilhada se fez como uma nova via do jeitinho brasileiro.

Ab'Sáber (2018) recorda que a verdade é um consenso comum na história, os quais recebem influência política dos discursos de cada tempo. O que acontece nas fakes news é um distanciamento propositalmente, entre a, narrativa e os fatos históricos, de modo que a verdade e o passado são sistematicamente negados ou distorcidos. Além disso, a notícia falsa não é apenas inventar algo, distorcer a realidade ou negar os fatos é muito mais uma propaganda do falso, uma venda de um produto. Por mais que seja absurdo, as fake news, esse processo da propaganda da mentira, é de tal forma complexo e com efeitos psicológicos, que ultrapassa a lógica e a racionalidade. Isso feito de forma contínua e como um projeto de poder, criam-se novas narrativas que iludem e distorcem a história. Foi justamente desse mecanismo que se valeu a extrema direita no Brasil, por exemplo, com o conceito de comunismo e as realizações do Partido dos Trabalhadores nas políticas públicas de justiça social, em especial aquelas no campo das políticas indenitárias.

Esse ambiente foi explorado de 2016 a 2018, e as redes assumiram um papel de comunicação com eleitores e formação de opinião. Essa mudança foi radical para criar uma verticalidade de informações, apontando essa inversão como uma das primeiras perdas significativas para os grupos mais vulneráveis. O fato não se tornou mais fundamental. É neste contexto que o Bolsonaro, ainda membro do Partido Social Cristão (2016 a 2018) e, em seguida (março de 2018), filiado ao PSL, desponta como salvador da pátria. A pátria, a bandeira, a verdade, a salvação, o messias, a religião, o pai, se firmaram como significantes de uma outra ideologia. A salvação que Bolsonaro representou, vai construindo o bolsonarismo, como uma ideologia do "vocês não sabem, eu sei porque deus me revelou, e posso resolver isso". Como esclarece Zizek (1992) onde não se sabe, se goza. Em um país formado em sua maioria pela

iminência cristã, e seus imperativos, isso possui um peso que marcou definitivamente a história recente do Brasil.

Essa conjuntura da história do Brasil mostra que há muitos “brasis”, e que um partido com o nome trabalhador, e outro nomeado como liberal, aponta as faces controversas que formam este país. Até mais do que o PSL, a grande questão desse momento foi a criação do Bolsonarismo, como uma face da extrema direita, financiada pelo ultraliberalismo. Mesmo que tenha havido uma polarização no Brasil ao longo dos anos entre PT e PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), o Bolsonarismo veio a ser a pior face desse país dividido. Apesar de se vender como nacionalista, o Bolsonarismo se mostrou um movimento antidemocrático, cujo objetivo se sustenta em eliminar esses que são os comunistas. “A nossa bandeira nunca será vermelha” virou o jargão desse movimento com traços de neofascismo (INDURSKY, 2020).

Indursky (2020) ainda elucida que não se fala, nesse caso, do fascismo como já é conhecido, e sim, um fascismo “lá brasileira”, marcado pelos traços aqui abordados. O Bolsonarismo vai fazendo a limpeza da velha política lembrando os mesmos objetivos do nazifascismo. Dessa forma, Bolsonaro se apresenta como o purificador que o Brasil precisa, o enviado de deus, que vai usar suas “mãos limpas” para retirar a sujeira do PT. Além desses traços, o Bolsonarismo usa a mesma estratégia do nazifascismo, vendendo-se como a solução da crise econômica, ao mesmo tempo que recebe o apoio das elites, instrumentaliza o judiciário, e se estabelece com um líder carismático e escolhido por deus.

Um fato fundamental para entender essa origem do Bolsonarismo foi a distorção do conceito de comunismo. O comunismo não seria mais a ideia de uma sociedade sem classes, comum, igualitária, sem desigualdades, e sim, uma ideia da esquerda de acabar com o conceito de família. Associado principalmente a questões morais, os comunistas apontados pela extrema direita do bolsonarismo, seriam os imorais a manchar a bandeira do Brasil. Por isso, que nessa situação, a fake news do “kit gay” que teria sido distribuído nas escolas junto a “mamadeira de piroca” foi uma das estratégias que mais deram certo na campanha de Bolsonaro. Recorda ainda Ab'Sáber (2018), que Bolsonaro não se vendeu como um líder superior, e sim, como um salvador fraterno, um como os outros. Apesar de Bolsonaro fazer parte da baixa patente do exército, e defender torturadores, ele serviu ao projeto de retirar do poder, tudo o que representava o partido dos trabalhadores.

É comum nas páginas dessa história a presença de salvadores diversos que usaram principalmente da religião como promessa de tempos outros. Como lembra Veyne (1998), as séries que fazem a história criam uma espécie de repetição. Se embaralham no tempo, e se recriam, mesmo que repita no presente o que já foi feito no passado. Essa repetição é feita como

se não tivesse um rosto, o que, contudo, não passa de farsa. Considerando o que fez o Brasil e quem fez, não foi à toa colocar deus em cima de todos. O que mais uma vez se destaca de forma obscena é que aqueles que mais necessitam de uma política de estado, são os que recebem o peso desse deus em cima.

Neste sentido, marcado pela contradição e também pela revolta popular, o Brasil vai se construindo com políticas que reforçam desigualdades e mantêm estruturas de dominação. Há sempre os que ficam embaixo, e são mão de obra, sustentando no trabalho essa organização (FERNANDES, 2020). Entender esse percurso ajuda a pensar no que significou para esse país ter um operário de chão de fábrica na presidência da república, e o que significa no país que não fez justiça aos mortos e desaparecidos da ditadura, ter na presidência, um militar, que defende torturadores e menospreza mulheres. O Partido dos Trabalhadores foi mais que uma promessa, foi a possibilidade de um governo da classe trabalhadora. Por isso mesmo, que o feito desse partido, o seu dizer, marcaram definitivamente a história trabalhista no país. Os erros do Partido dos Trabalhadores não apagam esse percurso. Fazer desse partido o inimigo, faz parte de um projeto que nunca aceitou a classe trabalhadora no poder.

Se o PT errou? Sim, porém os erros que o partido cometeu, não possuem a mesma medida dos acertos e do processo de inclusão que efetivou. Portanto, o Bolsonarismo, fazer do PT a face a ser eliminada foi motivado pelo ódio ao pobre, e não, por um projeto nacionalista. Se distingue, como documenta o trabalho de Souza (2017), que o projeto de eliminação de direitos no Brasil, assim como exclusão de grupos como os trabalhadores, remonta a 500 anos de história. O golpe de 2016 no impeachment de Dilma Rousseff veio somar a um projeto de derrocada desse partido e do que ele representava. Dado esse quadro, ao mesmo tempo que o Partido dos Trabalhadores trouxe questões de justiça social, participação popular e inclusão de grupos nas políticas públicas, os processos de corrupção tomaram os holofotes dessas ações. Importante ressaltar, que a contribuição desse partido no percurso histórico dos direitos trabalhistas e sociais é inegável. Contudo, foi nesta fissura que se firmou o bolsonarismo patriota.

Justamente os grupos que foram incluídos nas políticas de justiça social se tornaram alvos de um movimento moral contra a corrupção. Na história do Brasil, as pautas de limpeza na política foram utilizadas diversas vezes como palanque de mudança e de manutenção de formas antigas de exploração (SOUZA, 2017). O tema ideologia de gênero ganhou novo fôlego. A inserção dos movimentos cristãos em apoio a Bolsonaro foi essencial para que este se firmasse como uma possível escolha enviada por Deus. Apesar das inúmeras filmagens dos candidatos do PSL em expressões extremistas e antidemocráticas, a ideia de que esse partido

foi escolhido por Deus, se tornou mais enfática que os próprios fatos. Trazer na bandeira a ordem e o progresso produz efeitos no contemporâneo de um país que constituiu a exploração de seu povo como método (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018).

Em 2016, o projeto idealizado pelos trabalhadores sofreu um golpe cirúrgico. O impeachment de Dilma precisava entrar em cena para que o projeto que não incluía os trabalhadores se firmasse (BRAZ, 2017). Um ambiente específico possibilitou que a narrativa anticorrupção fosse direcionada ao PT. Gallego (2017) afirma que nesse momento, a onda conservadora se estabelece como um fenômeno, ao mesmo tempo que crescem direita e a extrema direita. Somam a esse movimento, o uso das redes sociais como espaço para fazer política e a ideia de anticorrupção criada pela Lava Jato. A esquerda entra em crise, sobe o desemprego, aumenta a crise econômica, as igrejas evangélicas crescem vertiginosamente.

Ora, quem seria o culpado da desgraça no Brasil que não a esquerda, esses comunistas que trouxeram os pobres para a pauta política. O ódio ao PT foi criado e firmado nessa conjuntura, e Dilma foi a face, a personificação desse mal criado ao Brasil que precisava ser extirpado. Esse Brasil, marcado por governos patriarcais, jamais aceitaria uma mulher no poder. Afirma Eliane Brum (2019) que Bolsonaro se firma como um anti presidente. É nessa ocorrência que Bolsonaro representa a própria milícia de um governo que faz oposição à nação, sustentado pelo fundo financeiro da elite que ele representa.

No entanto, esse desgoverno não é apenas um desvio do assunto mais importante, ele faz parte de um projeto que se propõe aos fins de retirar, os avanços que foram realizados para os grupos mais vulneráveis. Assim, Bolsonaro representa o pior de um pensamento distorcido e alienado de uma classe social com desejo de ser elite que nunca aceitou trabalhadores no poder. Pontua Deleuze (2005) que pensar o passado pode abrir uma via para pensar o futuro. Se compreender a história deste país não garante mudanças na vida como ela é, talvez aponte via de invenção para fazer uma outra política. Dado essa história, carregada de passado e repetição, convém pensar, que discursos sustentam essas mudanças?

2.1.2 DISCURSOS DO MESTRE E DO CAPITALISTA E O SUSTENTO DE UMA POLÍTICA DE EXCLUSÃO

Governar é impossível? Freud (1973) em análise terminável e interminável afirmou que governar, educar e curar são os ofícios impossíveis. Dos muitos vieses que fazem o impossível, lembra Enriquez (2001), que por mais que haja um esforço para os resultados, não

se pode garantir que eles sejam alcançados. Quem pode garantir a cura, a educação e o governo? Essas ações que se dirigem ao outro, são também ofícios que se aproximam do fazer do artista que vai fazendo a obra, enquanto a faz. Da impossibilidade que Freud relata ao possível que concerne à política, a história do Partido dos Trabalhadores aponta saídas nesse campo. No enquadramento da política no Brasil, a ascensão do Bolsonarismo veio favorecer a ideologia ultraliberal, a qual se fortalece no país desde o golpe de 2016. Dessa forma, interessa pensar como os discursos do mestre e do capitalista atuam nesse ofício impossível, refletindo sobre os quadros políticos contemporâneos.

Como se deu essa mudança de ideologias tão opostas entre si, e ambas eleitas? Da inclusão e participação popular, ao mestre eleito, salvador, excludente, há alguns vieses a serem refletidos. Os significantes mestres da atualidade estão próximos a corrupção, sexualidade e religião. Se são antigos na história o uso desses temas, na contemporaneidade se resgata uma roupagem: a da pátria. Aproximar a pátria amada da sexualidade e da religião, mostrou a face de um Brasil que canta a mãe gentil no seu hino, mas que elege homens brancos em nome de deus como pai e salvadores (SOUZA, 2019). Tentar entender como funcionam esses significantes nos discursos lança luzes sobre o caminho que o Brasil percorre em sua política. Isso porque os discursos operam como estruturas que sustentam uma relação entre o significante e o outro (LACAN, 1992). Assim, a lógica do Bolsonarismo pode ser lida através da forma como os discursos se arranjam.

Retrata Lacan (1992) que o significante mestre representa e apresenta as funções de comando e autoridade. Os lugares são ocupados nos discursos e discriminados de acordo com sua função, nas posições de agente, verdade, outro e produção. Sendo o agente aquele que dirige o discurso e se direciona ao outro. O outro, também nomeado trabalho, coloca questões, ao mesmo tempo que incide sobre o laço social. A verdade está diretamente relacionada com o agente, que faz a organização do discurso, desvelando aquilo que sustenta quem dirige o discurso. O discurso se dirige ao outro que necessita do agente para se instituir. Como efeito do discurso, emerge a produção, como um resto. Quem sustenta o discurso é a verdade, sendo acessada somente pelo “semi-dito”. Como há uma interdito entre a verdade e a produção “//”, esta não pode ser dita completamente. Como segue:



Fonte: Figura 1, Reprodução das posições dos Discursos idealizado por Lacan, 1992.

No seminário 17, o Aveso da Psicanálise, Lacan (1992) apresenta os discursos do mestre, da universidade, da histérica, do analista e do capitalista. Sendo que, o discurso do capitalista é aprofundado no discurso de Milão em 1972. Nos discursos, se identificam as posições dos significantes, saber, sujeito e objeto mais-gozar. Cada discurso faz seu giro nessas posições, apontando uma lógica específica no laço social. Da seguinte forma:

DISCURSO DO MESTRE

S1 → S2
\$ // a

DISCURSO DO CAPITALISTA

\$ → S2
S1 a

DISCURSO DA HISTÉRICA

\$ → S1
a // S2

DISCURSO DA UNIVERSIDADE

S2 → a
S1 // \$

Os símbolos correspondem a:

S1 SIGNIFICANTE MESTRE

S2 SABER

\$ SUJEITO

a OBJETO MAIS-GOZAR

DISCURSO DO ANALISTA

a → \$
S2 // S1

Fonte: Figura 2, Os Discursos idealizados por Lacan, 1992.

É relevante se atentar a essas lógicas, pois, especificamente, os discursos do mestre e capitalista servem a análise política que este texto propõe. Examinando o discurso do mestre, se identifica que o lugar do trabalho aponta a relação entre o mestre e o escravo. O mestre

ordena que o escravo goze, ele é a lei universal determinando que haja um trabalho. Neste sentido, o agente domina o discurso e o direciona ao outro, gerando um resultado que incide diretamente no laço social. No discurso do mestre, o agente determina a bateria de significantes no campo do outro, o qual é definido como escravo, uma vez que é determinado pelo mestre (LACAN, 1992).

Como o escravo detém o saber, este é quem sustenta o mestre, sendo assim, necessário para compreender esse discurso, refletir sobre o gozo que circunda o escravo. Desta forma, esse discurso pode ser entendido como o discurso do governo, o discurso da lei, que se dirige ao escravo para que ele o reproduza. Assim, goza o escravo que recebe a determinação do mestre, e goza o mestre que exerce domínio e poder sobre o outro. Essa relação que se estabelece de gozo entre o mestre e o escravo se faz na alienação de um para com o outro e desse gozo que sustenta essa lógica. O mestre explora e goza, contudo, o escravo também goza em ser explorado pelo mestre (LACAN, 1992).

DISCURSO DO MESTRE



Fonte: Figura 3,
O Discurso do Mestre,
idealizado por Lacan,
1992.

Essa estrutura lógica do discurso do mestre Lacan (1992) afirma que se situa como o discurso do senhor. S1 se dirige a S2, sendo o S1 o significante no qual se localiza o senhor. S2 é o significante do escravo, que dá suporte ao senhor. O escravo é aquele que possui um saber que sustenta o senhor. O escravo sabe, porém esse saber é tomado pelo senhor, e, se torna, saber do senhor. No discurso do mestre, por mais que o escravo saiba, sabe apenas aquilo que o mestre quer. O senhor impõe sua vontade de saber, expropriado o escravo a seu saber e impondo aquilo que quer, sem, contudo, que o escravo se dê conta disso. O que se produz nessa relação é o gozo, o senhor goza do escravo que o serve. O agente é ocupado por aquele que tem o poder e se dirige aos outros que lhe são escravos.

No comando que o mestre exerce em seu discurso, exige que o escravo produza um trabalho, e o escravo recebe do senhor a ordem de sua tarefa. O gozo do senhor não é completo, pelo fato de ocupar essa função, algo se perde. O mais-de-gozar, é parte do gozo perdido do mestre que deve ser devolvido. Ainda afirma Lacan (1996) que o trabalho do mestre é impossível, pois fazer o escravo trabalhar é ainda mais exigente que se o próprio mestre trabalhasse. Portanto, o mestre lança um significante-mestre que direciona o escravo ao trabalho. Esses significantes apontam a junção que a campanha de Bolsonaro fez entre a pátria e os militares que salvaram a pátria. Não qualquer salvador, mas um enviado por deus e endossado nas narrativas do evangelismo e catolicismo.

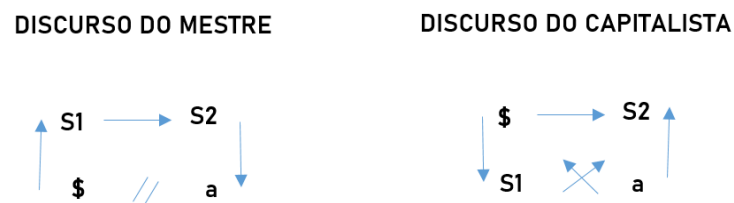
O discurso do mestre nesse cenário, auxilia a pensar como as narrativas utilizadas nas eleições de Bolsonaro se posicionaram como esse discurso, firmando o Bolsonarismo que englobou esses vieses em uma só campanha. Mesmo que o PSL tenha sido dispensado posteriormente, vale lembrar as promessas de país melhor, país outro, concentrando personagens específicos na cena de um salvador, uma espécie de eleito para mudar a nação, um novo pai com as respostas necessárias. Quem principalmente fez esse trabalho funcionar foi o gabinete do ódio com o sistema de fake news. A união do que dizia Olavo de Carvalho, que se firmou como grande apoiador ideológico e intelectual de Bolsonaro, pode ser entendido como o Olavismo, o qual serviu para unir nesse intuito o conservadorismo, evangelismo e o ultraliberalismo, todos sustentados pela elite patriarcal que financiou esse processo (ALVES; SILVA, 2020).

A apropriação de significantes por aquele que representa o mestre se sustenta de forma fundamental para criar a ideia que, alguém específico tinha o poder ou o dom de realizar aquilo que prometia. Convém memorar o que postulou Freud (2011), que a superação da horda primeva produz a instauração do laço social a partir do encontro com a linguagem. É preciso reconhecer que o pai não pode tudo, que ninguém pode tudo. O mestre vem torcer a verdade, tamponando e criando um retorno a horda primeva, apontando quais e quem devem ser eliminados na horda. Um ganho de civilização seria reconhecer as perdas necessárias para que o laço social se estabeleça. O discurso do mestre vela a verdade e induz ao engano. Essas especificidades e o caráter de produção de engano, faz com o discurso do mestre, facilmente possa produzir o discurso do capitalista.

Considerando esse ambiente, a forma como a campanha foi realizada em 2018, se aproxima de uma construção ideológica como apresentada por Žižek (1992), uma ideologia além de seus significados, com uma íntima relação entre fantasia, ou um sentido próprio da ideologia, somado a partes da realidade. Dessa forma, o discurso do mestre salvador utilizado

na campanha de Bolsonaro, versava entre uma parte da verdade da situação do país, ao mesmo tempo que flertava com a criação de inimigos, de um mal personificado em determinados grupos e no PT. Aquele que está no lugar do mestre e aponta o inimigo, aqueles a serem destruídos, faz um tipo discurso que possui força de verdade inquestionável. Não é à toa, a intimidade que o bolsonarismo construiu com o pai e a religião no país.

Condição enfatizar, então, como o discurso do mestre se alia ao discurso do capitalista nesse quadro. Conforme pontua Lacan (2009) o giro discursivo que produz o discurso do capitalista é uma coisa de nada. Essa coisa de nada é capaz de fazer uma promessa de completude. A mudança se dá nos lugares do agente e da verdade, explicitando como os efeitos do capitalismo no laço social, atuam no viés da exploração e totalidade, rompendo com a lógica temporal proposta, por exemplo, no discurso do analista. Desta forma, o discurso do capitalista se apresenta sem cortes, total. Se no discurso do mestre há uma perda na produção do trabalho, no discurso do capitalista nada se perde, não há campo de impossível (LACAN, 1972).



Fonte: Figura 4, Os Discursos do Mestre e Capitalista, idealizados por Lacan, 1992.

Desconsiderando que um significante não pode dar de conta de outro significante, o discurso do capitalista ignora essa premissa como verdade (BRAUNSTEIN, 2010). Nessa conjunção, a união de ambos os discursos se entrelaçam para desfazer o laço social e criar uma outra lógica que sustenta uma narrativa de um salvador que virá fazer uma espécie de limpeza na política, ao mesmo tempo que serve aos ideais ultraliberais que fundamentam as mudanças nas reformas trabalhistas e previdenciárias. A repetição da ideia “ou mais trabalho ou mais direitos”, criou uma “verdade falsa”: direitos não servem ao trabalho.

No discurso de Milão, em 1972, Lacan apontava que o discurso do capitalista servia para entender o discurso que imperava na sociedade. Lacan (2011) vai apontar que o capital é o novo mestre que domina as relações no laço social. Esse mestre ordena que o consumo seja feito a todo custo, e escraviza os consumidores nos produtos que são disponibilizados no mercado. Vale ressaltar, que, apesar de se dar na sociedade e nas relações, o discurso do

capitalista cria uma espécie de laço complexo. Há sempre a oferta do novo produto que seria capaz de realizar os desejos dos consumidores. Se o discurso do mestre pode fazer alguma regulação nas relações sociais, o discurso do capitalista não possui lei. Uma vez que esse discurso exclui a castração, vai criar a exclusão e segregação. Esse discurso cria aqueles que podem servi-lo e adquirir o que ele produz, descartando aqueles que não servem a essa lógica.

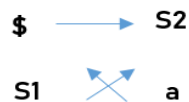
Os consumidores são assim “os produtos dos produtos”, alienados a uma lógica de consumo sem limites, inebriados com um constante novo produto a ser consumido. Desta forma, o discurso do capitalista assujeita os consumidores, os reduzindo a objetos. Lembra Laurent (2007) que esse movimento se faz como uma busca voraz por um gozo que não possui limites. Se, por um tempo, o consumidor sente saciedade do que consumiu, logo é invadido pelo vazio que o consumo produziu, e sente necessidade de consumir mais uma vez. Como em uma rede de vício, o consumidor consome mais e mais uma vez, em um processo de ciclo de esvaziamento. A quem serve essa lógica, é uma questão neste texto, uma vez que o governo Bolsonaro enfatiza constantemente políticas de exclusão, quando afirma slogans como “o Brasil não pode parar”. Mesmo em meio a pandemia, e com necessidade de interromper atividades, o governo nessa lógica de produção e consumo, não esconde sua voracidade pelo capital quando diz que não se pode parar. Aqueles que não podem usufruir de medidas de proteção, são os segregados desse tipo de raciocínio.

Considerando o discurso do capitalista, se identifica este como um discurso sem perdas que não aceita a perda de gozo. Isso implica diretamente no laço social, pois não é possível construir uma lógica civilizatória sem perda de gozo (LACAN, 2011). Neste discurso, o sujeito é consumidor estabelecendo um funcionamento em torno de si mesmo. Sem espaço para o que escapa, ou para a verdade, o que vale é o que pode ser consumido. Se não há perda de gozo, o discurso não impõe limites às relações. Assim, o discurso serve aos objetivos do mercado independente dos custos exigidos para tanto. Essa lógica possui como consequência fundamental a eliminação daqueles que não se enquadram no processo de consumo e produção.

Vale lembrar mais alguns traços que Lacan (1992) destaca do discurso do capitalista. Há uma diferença fundamental em relação ao discurso do capitalista e os outros discursos. Nos discursos, o laço social é formado por essas lógicas, inclusive no discurso do mestre. Contudo, no discurso do capitalista, o laço social é foracluído. O capitalista como uma forma outra do lugar de saber, pode ser entendido como uma sutil modificação do discurso do mestre. Na sociedade capitalista, o interesse é o lucro, a venda, e essa lógica está associada ao que interessa ao sujeito nesse processo.

Lacan (1992) afirma que esse discurso é astucioso, mas, ao mesmo tempo, não se sustenta. E, é insustentável justamente pela lógica na qual se realiza o consumo. Se o sujeito é reduzido a consumidor, aquele que deve apenas consumir, adquirir a mercadoria produzida pelo capital, há um apagamento da singularidade do sujeito. Badin e Martinho (2018) descrevem que nesse discurso o saber S2 é o saber da ciência e da tecnologia e o significante mestre S1 é o capital. A descrição do discurso realizada neste trabalho, demonstra o motivo pelo qual, o laço se esgarça nessa lógica. Também não ocorre movimento no campo do agente e do outro e as setas se cruzam, de modo oposto, do que é feito em outros discursos. Lembrando:

DISCURSO DO CAPITALISTA



Fonte: Figura 5,
O Discurso do Capitalista,
idealizado por Lacan,
1992.

As setas cruzadas fazem com que o discurso seja fechado em si mesmo. Neste sentido, o lugar anterior comanda a posição seguinte. O que comanda a posição seguinte, pode também ser comandado inversamente, e esse movimento fechado, não permite que esse discurso se relaciona com os outros, formando, assim, uma lógica própria. Nesse discurso não há falta, não há castração, e, conseqüentemente, não há desejo, e não há sujeito. Como objeto que consome o objeto, o consumidor entra nesse movimento infinito de consumir o próximo produto (LACAN, 1972).

Quanto mais fora dos sentidos desses discursos mais aptos a exclusão e eliminação. Identifica-se que as narrativas do Bolsonarismo utilizaram, como suporte de campanha as duas vertentes destes discursos, a identificação ao mestre e um projeto de economia de consumo e exclusão, reforçando um não lugar para os grupos que não fazem parte dessa lógica. Vale frisar, como os discursos se associam ao fantasma para se sustentarem. Para tanto, pensar como descreve Foucault (1979/2014) a genealogia auxilia a aprofundar esse movimento que associa nacionalismo, pátria, deus, moral, corrupção, salvador, personificando aqueles que servem a um projeto político. Como lembra Foucault (1979/2014, p. 19) "o genealogista necessita da

história para conjurar a quimera de origem". Refletir esses processos políticos nos discursos através da genealogia, é considerar como essas realidades são produzidas nesse tempo histórico, formando modos de ser, pensar, sentir. Portanto, essas associações entre esses significantes e o Bolsonarismo não são qualquer coisa, pelo contrário, narram a lógica desse momento, suas incoerências e irracionalidades, como enigma que aponta também, uma responsabilidade para quem vive esse tempo.

Quando se trata de política e as formas como os discursos se enlaçam em uma lógica de dominação e poder, é significativo lembrar Freud (1932/1974) no seu texto *Por Que a Guerra?*, quando responde a Einstein que direito e violência nascem na mesma fonte. Aponta que o direito defendido pelo estado, não exime seu possível fracasso por se fundar também na violência. Se o poder é violência, o estado ou os governos, podem tanto se aproximarem da civilização, quanto da barbárie. Lacan (1974/2003) avançou e afirmou que, o discurso do capitalista é o discurso do mestre moderno, e nesse modo de funcionamento, não há dúvidas que ele serve ao pior da cultura. Portanto, um governo, que usa do discurso do capitalista e do mestre como lógica de funcionamento, não raro, levará seus apoiadores a violência e extremismo. Dado esse quadro, interessa compreender como esses discursos se entrelaçam ao fantasma da pátria amada.

2.1.3 O FANTASMA DA PÁTRIA AMADA

Pode-se dizer que o termo “fantasma” de Lacan estabeleceu o seu uso na psicanálise brasileira a partir de um erro de tradução. Isso porque, no francês, existem duas formas de traduzir fantasia, que pode ser *fantaisie* ou *fantasme*. No entanto, quando se traduz do português fantasma para o francês, a palavra seria *fantôme*, termo que não carrega a significação para a psicanálise, a qual, Lacan trata em seu seminário. O erro funcionou, porque o termo fantasma, permite incluir não apenas as formações do inconsciente, como também, a criação de objeto a de Lacan (POLI, 2007). Costa (2005) evidencia que o termo fantasma se firmou como melhor tradução, por associar-se ao conceito de cena dupla, ou função de sombra, definição que fantasia não contempla. Portanto, relevante lembrar, se usa fantasia para o trabalho de Freud, e Fantasma para as elaborações de Lacan (POLI, 2007).

No seminário dos anos de 1966 e 1967, Lacan apresenta o funcionamento da lógica do fantasma, aproximando o sentido da estrutura do significante, afirmando o que o fantasma é uma escrita. O sujeito é barrado pelo significante, e mesmo sendo feito de significantes que o

constitui, seu funcionamento pertence a essa lógica que se relaciona ao inconsciente e a linguagem, fazendo uma escrita singular. Neste sentido, o fantasma é a janela que o sujeito usa para lidar com o real (LACAN, 2006). Considerando essa estrutura lógica e pensando a política da mãe gentil, o texto reflete, que o discurso da pátria amada funciona com essa mesma lógica de janela refletida no social, que, no caso do Bolsonarismo, serve para negar a realidade.

O fantasma possui uma autoridade lógica sobre a realidade, pois aquilo que o sujeito entende como a realidade pela estrutura do fantasma será aquilo que o sujeito vai compreender como verdade. Dessa forma, aquilo que se pode dar conta, ou se pode conhecer como realidade, é o que será, mesmo que de fato não seja. No momento que Lacan (2006) apresenta a janela para lidar com o real, vale lembrar, que o real é como o limite do que pode ser dito ou compreendido, e a realidade é aquilo o que é na cultura. O funcionamento psíquico do sujeito é de tal forma impactado pelos efeitos do fantasma, que aquilo que é pode ser apenas o que o sujeito consegue supor que seja.

Convém recordar o discurso do mestre quando esse reclama que o escravo trabalhe e cumpra o que ordena. Nessa racionalidade, o escravo espera que o senhor determine o que deve ser feito. Recebendo o significante-mestre, o escravo se subjugava nesse discurso de trabalhar em função de quem ordena (LACAN, 1992). Sem questionar isso, o Brasil se viu imerso no discurso da pátria, que une o salvador e o mito das "mãos limpas". Se pode dizer que o símbolo das armas sinalizadas por Bolsonaro junto a menção "vamos fuzilar a petralhada" é um exemplo de como se criou no país uma ideia de fazer uma nova pátria às custas da eliminação daqueles que não servem a esse projeto. Esse entendimento fundamenta a discussão desse trabalho, para compreender como a pátria amada e as promessas feitas em relação a essa pátria, tomaram função de realidade no Brasil.

Neste sentido, se identifica nas discursividades do país, uma passagem entre lógicas e ideologias (ZIZEK, 1992), ao mesmo tempo que une essa nova ideologia à lógica do fantasma no social. Os slogans de governo são exemplo disso. Se partiu de um lugar de um país para todos, para a construção da pátria amada, aquela destinada ao cidadão de bem. Vale realçar, que o cidadão de bem, visto como um tipo ideal de brasileiro, tornou-se essencial para embasar extinção de lugares para determinados grupos. Isso significa considerar que, aqueles que não se enquadram no perfil do cidadão de bem, são passíveis de exclusão. Essa logicidade possui como consequência, fundamentar a eliminação daqueles que não se enquadram a esse processo político.

Essa realidade a qual se trata aqui, que fundamenta os discursos e a lógica do fantasma, Freud (1900/1996) descreveu como realidade psíquica, aproximando o inconsciente dessa

realidade. Destaca que essa realidade se distancia da realidade objetiva e é tão enigmática quanto a própria realidade em si. Se vive em função dessa realidade inventada, marcada pelo inconsciente e pelo desconhecimento. Essas definições são a base do funcionamento do fantasma que serve como um óculos de leitura da realidade externa. O que é, é, mas, não necessariamente o sujeito vê como de fato é. Freud (2011) chegou até a afirmar que a realidade psíquica se opõe à realidade concreta.

Nesse ponto do trabalho de Freud, não se trata de fantasma, apesar de essas pesquisas serem a base do que Lacan irá nomear fantasma, conforme os conceitos que relembra esse texto (ROUDINESCO; PLON, 1998). Como afirmam Roudinesco e Plon (1998), o fantasma aponta como o sujeito funciona no imaginário, ao mesmo tempo que apresenta os meios que o sujeito representa a história. Esse viés, permite que o sujeito signifique a realidade, contando uma história para si. Essa história é o fantasma, na qual o sujeito faz uma leitura da realidade. Importante sublinhar a diferença entre a fantasia para Freud e a fantasia para Lacan. Para Freud, a fantasia é como um modo que o sujeito usa para ver a realidade. Tanto a realidade interna, a psíquica, como a realidade material, é interpretada pelo sujeito pela fantasia. Para Lacan, a fantasia é o fantasma, sendo este a realidade oposta ao real. De toda forma, para ambos, a fantasia ou o fantasma, são para o sujeito, mais realidade do que a própria realidade material.

Nasio (1993) apresenta o conceito de Lacan de real, de modo que, se possa compreender a diferença entre realidade e real de forma mais elucidada. A realidade está em mudança frequentemente, justamente porque é a realidade material, porém, o real não muda. A realidade material é o que ocorre de fato e se transforma, o que ocorre na cultura. Ao mesmo tempo, ver o mundo como ele é, não é algo que se pode alcançar em sua totalidade, todo sujeito precisa de uma intermediação simbólica com a realidade. Neste sentido, o sujeito vive entre uma parte do que percebe da realidade e o que faz simbolicamente do que percebe. Além desses pedaços de realidade, que sofrem uma interpretação do que é visto, há o real que carrega uma marca impossível e imutável.

Considerando esse entendimento, se pode refletir na função fundamental do fantasma para o sujeito, como um recurso psíquico que permite lidar com a realidade. Isso significa pensar que o fantasma não é algo negativo, que necessariamente, tira o sujeito da realidade. No entanto, pode assistir a um negacionismo, como teorizado nesse trabalho. Importante ressaltar que, o fantasma possui uma função fundamental na constituição do sujeito. O real permanece com seus traços de impossibilidade de inscrição e simbolização, por isso, Lacan (2006) descreve o fantasma como oposição ao real. No entanto, para análise que se propõe nesse trabalho, refletir essa função a partir da forma como se estabeleceu a política no Brasil nos

últimos anos, contribui para compreender como os discursos e o fantasma podem corroborar políticas de exclusão.

É nessa condição, que os discursos do mestre e do capitalista fazem com o fantasma um sentido singular no social para sustentar um movimento de marginalização de grupos até eliminá-los. Quando se fala em janela para o real, é importante considerar o que o gozo exige do sujeito. O fantasma neste ambiente da campanha de 2018, e no primeiro ano de eleição, faz uma espécie de janela coletiva. Através do exposto, se compreende que o fantasma se torna para o sujeito a própria realidade, a sua realidade, evidenciando que, o que seria realidade objetiva fica de fora do que o sujeito entende como realidade (JORGE, 2010). Se percebe, então, o fantasma como uma construção, uma espécie de verdade que o sujeito inventa e conta inúmeras vezes para si mesmo. Esse enredo favorece pensar sobre a ideia da pátria amada na trama da política no Brasil, como um fantasma coletivo, como o lugar destinado com exclusividade ao cidadão de bem. Pensar o fantasma, ponderar sobre a forma como o sujeito se posiciona em relação ao desejo, percebe-se que o país criou um tipo ideal de filho da mãe gentil, resgatando ideais como patriotismo e família, que apesar de antigos, não perderam sua força de identificação, hipnotismo e contágio.

Destaca Costa (2005) que refletir sobre a construção do fantasma e sua função, é reconhecer um processo onde o sujeito se situa em uma cena dupla. Dito de outra forma, o sujeito cria uma cena, pela qual olha para o real. Como uma sombra da verdade, o fantasma retira o sujeito da cena real, para uma posição em cena inventada, que apesar de seu caráter de mentira, invenção, faz para o sujeito efeitos de verdade. Se entende duplo, justamente por esse paralelo entre o real e a cena construída. Dado esse percurso do trabalho, se pode pensar o efeito de uma campanha utilizando significantes como verdade, messias, deus, pátria. A força dessa junção foi tal, que o candidato Bolsonaro virou mito. A resposta do povo na campanha como mito, aproxima essa campanha do inquestionável. Afinal, em um país eminentemente religioso, quem vai duvidar de um político enviado de deus?

Voltando ao real, se este não pode ser acessado diretamente, vem o fantasma fazer essa via de mediação, que constitui não somente essa relação, como também, a relação do sujeito com a realidade. Sem acessar diretamente o real e a realidade, o sujeito faz essa intermediação criando interpretações da realidade com vias no simbólico e no imaginário. Dessa forma, o sujeito tenta fazer algo com aquilo que não dá conta, fazendo sentidos do que é impossível no real e daquilo que é possível na realidade (LACAN, 2006). É nessa via que se pode refletir esses efeitos com um governo que nega desigualdades, a ciência, os fatos históricos, e origina narrativas com função de verdade. Esse percurso serve para olhar esse atravessamento político

no Brasil, que, apesar de antiquado, possui uma verve própria em 2018. Sem o ódio ao PT, o impeachment de Dilma, e as fakes news, provavelmente, Bolsonaro continuaria esquecido na história.

A ideologia da pátria amada seria uma espécie de genealogia do tempo como acontecimento, resgatando o ineditismo dessa relação: tempo e acontecimento. Como posto por Foucault (1989) a genealogia se detém na continuidade e na origem. Para tanto, interessa os detalhes do cotidiano, o compasso do dia a dia. Assim, deter-se ao modo como o fantasma da pátria amada se alia ao discurso do mestre salvador desvela o ambiente propício para que as contradições que fazem a história desse país, retornem na sua pior face: eleita. Não desviando o olhar e o que isso aponta na realidade, esse trabalho se debruça sobre esses discursos controversos e tipicamente brasileiros, que fazem da exclusão e empobrecimento de seu povo, uma norma política.

Complementa Lacan (2006) que, quando o sujeito se depara com enigma da separação ele tenta responder com o seu lugar nessa cena. Sabendo sem saber, o fantasma equivale a resposta do sujeito ao inconsciente, apontando que a cena do fantasma se aproxima também a um tipo de disfarce e encobrimento. Se o sujeito encobre o real, disfarça o impossível, a psicanálise vem propor o inverso disso, um atravessamento dessa construção, um olhar direcionado a essa cena encoberta, para que, desvelada, uma luz possa ser lançada na verdade mesmo em seus impossíveis.

Justamente por isso, nesse tempo que o Brasil atravessa, de ataque às artes, à educação, e a qualquer via que coloque a reflexão como partida e percurso, urge a necessidade de um trabalho na reconstrução do laço social. Lacan (2006) descreve na lógica do fantasma que o inconsciente é a política. Isso porque é o inconsciente que rege as ações humanas, é o inconsciente que emerge no laço social. Neste sentido, o inconsciente é a política do desejo, do impossível de governar que aponta que nesse impossível, o laço possível que a política pode alcançar, não se faz em discursos que atestam completude ou a segregação de grupos.

Com acesso a partes da realidade e naquilo que é possível do real, o sujeito se sustenta nessa história que conta para si mesmo, e na leitura que faz desses campos (LACAN, 2003b). A promessa da pátria amada contada e personificada por Bolsonaro, veio servir para que parte da população no Brasil se identificasse com essa história de um país sem falhas. Os slogans, as fakes news, o evangelismo, contribuíram para um retorno de um nacionalismo que exclui e marginaliza grupos. Apesar do Brasil se mostrar em seu hino como uma mãe que acolhe a todos, a realidade é que esse país não faz política para todos, e sim, se perpetua na exclusão e marginalização de grupos que não servem a esse projeto. Neste sentido, negar a realidade, e

definir o inimigo a ser destruído, revelou o tipicamente patriota e fundamentou a expropriação de direitos como política.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é fazer política na mãe gentil? Este trabalho tentou refletir sobre o compromisso que esse tempo convoca a todos. Para tanto, é importante lembrar que o discurso do analista, em contraposição ao discurso do mestre, combate essa lógica de dominação e segregação imposta por essas narrativas do ultraliberalismo. Aponta a causa do desejo, sendo o único discurso que reconhece o outro como sujeito. Parte do silêncio de "não pretender nenhuma solução" (LACAN, 1992, p.66) para que, aquele que fala, invente seu saber-fazer. Isso não significa que a psicanálise possa responder a todos os problemas da política, ou que a política voltada às minorias crie um perfeito mundo novo. Argumenta Safatle (2020) que deixar o lugar vazio da autoridade seria a medida possível da emancipação política, viabilizando um espaço para a igualdade e cooperação. Esse lugar, poderia, assim, ser ocupado por aqueles que mantêm, entre si, sentidos compartilhados simbolicamente.

Abordar esse enredo da política na psicologia auxilia no discernimento de como um momento político pode favorecer a criação de grupos que defendem termos como, psicologia cristã e cura gay. Quando a disputam das eleições para órgãos de representação da categoria é protagonizada por candidaturas que atestam crenças como essas, observa-se uma negação da construção científica da psicologia, depreciando a ética por interesses ideológicos religiosos. Lembram Costa, Oliveira e Ferraza (2014) que as comissões de direitos humanos dos conselhos regionais e federal vêm atuar nessas lacunas, fortalecendo a posição ética da profissão. Ressaltar que não existe psicologia apolítica é fortalecer a psicologia ética, que não coaduna a política excludente da mãe gentil, e pelo contrário, se faz comprometida com as mudanças sociais necessárias, atuante nos direitos humanos e defesa da singularidade dos sujeitos (FURLAN, 2017)

Laurent (1999) recorda que a psicanálise pensa a política na implicação que cada psicanalista assume na construção da democracia, ao mesmo tempo que propõe questionar os significantes que rendem o sujeito e o submetem a uma lógica de alienação. Na fundação da psicanálise, Freud já se propunha a pensar o seu tempo, assim como questionar a cultura. Neste sentido, vale lembrar que os psicanalistas ao longo dos anos, fizeram contribuições

fundamentais na cultura, no qual a política foi uma ameaça à democracia, liberdade e direitos. Para tanto, considerar o que é possível no campo da política não é tarefa simples, porém, convoca aqueles que fazem a história a tecê-la com seu trabalho e dizer.

Pode-se dizer que a psicanálise como saber-fazer não tampona o buraco da política, mas, preserva suas falhas e faltas como algo precioso, apontando que é possível, também na política, uma ética do bem-dizer. A psicanálise tenta contribuir para que a política faça o trabalho de reduzir as desigualdades que imperam em países como o Brasil. Sabendo também que a política não pode fazer tudo para todos, e reconhecendo o impossível que Freud apontou nesse campo, a presença da psicanálise frente às questões do contemporâneo, faz um trabalho como o do artesão, e forja vielas, desvios, saídas. Por isso, diante de governos que fazem da eliminação de seu povo um projeto político, não há espaço para a neutralidade.

Em virtude disso, em 2018, psicanalistas no Brasil assinaram o manifesto *Psicanalistas pela Democracia*, gravaram vídeos, fizeram textos, participaram de manifestações e encontros, assumindo um lado, e afirmando claramente que políticas de exclusão e governos que atuam nesse viés não podem ser aceitas sem que haja um enfrentamento dessas realidades. Vale lembrar a participação fundamental da psicanálise na Comissão da Verdade, buscando o resgate de memória e a justiça devida para aqueles que foram vítimas da ditadura, assim como nas eleições municipais de 2020.

Como dizia Clarice Lispector é preciso coragem para dizer o que se vai dizer. Por isso, trazer a discussão da política da mãe gentil, em um curso de psicologia, e em um tempo difícil como o da pandemia, fala de uma ousadia de dizer e ocupar lugares, não apenas na escrita como é traço caro à psicanálise, mas, na transmissão na universidade e para além dela. A conjuntura atual mostra que sem uma mobilização comum e uma reflexão que alcance o maior número de pessoas possíveis, pouca ou nenhuma mudança será concretizada. Lacan também, certa vez disse, que a psicanálise precisa estar à altura de seu tempo. Como quem faz a psicanálise, são os psicanalistas, esse texto, arroja fazer um trabalho decidido nesse tempo sombrio.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, T. Psicanálise, Política e Verdade . **Rev. Heterotópica**, v. 2, n. 1, p. 17-29, 18 jun. 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/55556>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

ALMEIDA, Ronaldo de Bolsonaro presidente. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Rev. Novos estud.** v. 38, n. 01, p. 185-213, 2019. Disponível em

http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/5615/2019_almeida_bolsonaro_presidente_conservadorismo.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 25 de maio de 2020.

ALVES, Alison Sullivan de Sousa; SILVA, Francisco Vieira da. **Discursos sobre as ciências humanas no bolsonarismo: da repetição à prática**. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4524>. Acesso em 25 de novembro de 2020.

BADIN, Rayssa ; MARTINHO, Maria Helena. O discurso capitalista e seus gadgets. **Rev. Trivium**, v.10, n.2, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912018000200003. Acesso em 18 de novembro de 2020.

BEZERRA, Carla de Paiva . Os sentidos da participação para o Partido dos Trabalhadores (1980-2016). **Rev. bras. Ci. Soc.** vol.34 no.100. São Paulo 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092019000200511&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 25 de maio de 2020.

BEZERRA, Carla de Paiva. **Do poder popular ao modo petista de governar: mudanças no significado da participação para o Partido dos Trabalhadores**. Dissertação de mestrado em Ciência Política, São Paulo, FFLCH-USP, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/D.8.2014.tde-06102014-105726>. Acesso em 25 de maio de 2020.

BRAUNSTEIN, Néstor. O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (pst): sexto discurso? A escrita do furo, in: **Rev. A Peste**, v.2, n.1, jan/jun. São Paulo: Educ, 2010.

BRUCE, Steve. **El fundamentalismo en Estados Unidos**. In: Fundamentalismo. Madri: Alianza, 2003.

BRAZ, Marcelo. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. **Rev. Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 128, p. 85-103, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ssoc/n128/0101-6628-ssoc-128-0085.pdf>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

BRUM, E. Cem dias sob o domínio dos perversos. **Jornal El País Brasil**, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780_837463.html. Acesso em 20 de novembro de 2020.

CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. Documentos: O PT e Constituinte, 1985-1988. **Rev. Perseu: História, Memória e Política**, São Paulo, v. 6, n 2011. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csah/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/08-4.perseu6.documentos.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2020.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. Armas, ódio, medo e espetáculo em jair bolsonaro. **Rev. Alterjor**, v. 18, n. 2, p. 201-214, 2018. Disponível em <http://www.periodicos.usp.br/alterjor/article/view/144688/141608>. Acesso em 01 de junho de 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética profissional do psicólogo, 2005**. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em 29 de abril de 2020

COSTA, J. C; OLIVEIRA, P. A; FERRAZA, D. A. Psicologia social e direitos humanos: a atuação da

psicologia diante ditadura militar e das manifestações atuais no Brasil. **Rev. de Psicologia da IMED**, 6(2), 70-80, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v6n2p70-80>. Acesso em 29 de abril de 2020.

COSTA, Ana. **Clinicando**. Porto Alegre, Seminário proferido na Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2005.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ENRIQUEZ, Eugène. A Arte de Governar. In: ARAUJO, José Newton; SOUKI, Lea Guimarães; FARIA, Carlos Aurélio (Org.). **Figura Paterna e Ordem Social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa: ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Contracorrente, 2020.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 1979/2014.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

FREUD, S. **O Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1927/1996.

_____. **Totem e Tabu**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

_____. **Análise Terminável e Interminável**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. **Por que a Guerra?** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1932/1974.

_____. **A Interpretação dos Sonhos**. In S. Freud. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1996.

FURLAN, Vinicius. Psicologia e a Política de Direitos: Percursos de uma Relação. **Rev. Psicol. cienc. prof.** v. 37 n. spe, Brasília 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932017000500091&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 15 de junho de 2020.

GALLEGO, E. S. Crise da Democracia e extremismos de direita. **Rev. Análise**, n. 42, 2018. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>. Acesso em 24 de novembro de 2020.

INDURSKY, Alexei Conte. Psicanálise, fascismo e populismo: notas sobre a emergência do bolsonarismo no Brasil. **Rev. Teoría y Crítica de la Psicología**, v.14, p. 150–162, 2020 Disponível em: <http://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/312>. Acesso em 20 de novembro de 2011.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

KECK, Margaret E. **PT a lógica da diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira**. São Paulo, Ática, 1991. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/khwkr>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

LAURENT, Eric. **A Sociedade do Sintoma**. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2007.

_____. **O analista cidadão**. Curinga. Psicanálise e saúde mental, Belo Horizonte, n. 13, p. 12-19, 1999. Publicação semestral da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas Gerais, 1999.

LACAN, J. **A lógica do fantasma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Seminário 17 - o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

_____. **Do discurso Psicanalítico. Conferência de Milão**. 12 de maio de 1972. Disponível em: <http://lacanempdf.blogspot.com/2017/07/do-discurso-psicanalitico-conferencia.html>. Acesso em 13 de novembro de 2020.

_____. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

_____. **Televisão**. In J. Lacan. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974/2003a.

_____. **Da psicanálise em suas relações com a realidade**. In J. Lacan. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Quase metade da força de trabalho global está sob risco de perder renda devido à COVID-19, diz OIT**, 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencias/oit/>. Acesso em 29 de abril de 2020.

NASIO, J.-D. **Psicossomática: as formações do objeto a**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

POLI, MC. **Construção da fantasia, constituição do fantasma**. In: BACKES, C., org. **A clínica psicanalítica na contemporaneidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, pp. 43-49. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/ckhgz/pdf/costa-9788538603870-05.pdf>. Acesso em 29 de novembro de 2020.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Fantasia**. In E. Roudinesco, & M. Plon. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

_____. **Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SODRÉ, Lu. **Dez políticas que aprofundaram crise no Brasil em 300 dias de governo Bolsonaro**. **Revista Brasil de Fato**, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/06/dez-politicas-que-aprofundaram-crise-no-brasil-em-300-dias-de-governo-bolsonaro>. Acesso em 01 de abril de 2020.

SOUZA, Jessé . **A elite do atraso da escravidão a lava jato**. São Paulo:Leya, 2017.

_____. **A elite do atraso da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil-Sextante, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, UFCG. **MEC diz que bloqueio de 30% na verba vale para todas as universidades e institutos federais**. UFCG, 2019. Disponível em: <https://portal.ufcg.edu.br/em-dia/641-mec-diz-que-bloqueio-de-30-na-verba-vale-para-todas-as-universidades-e-institutos-federais.html>. Acesso em 29 de fevereiro de 2020.

VEYNE, P. **Como se escreve a história.** Brasília: UNB, 1998.

ŽIŽEK, S. **O mapa da ideologia.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.

_____. **Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1992.